

Stadium

N.º 308

27 de Outubro de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto AMADEU FERRARI

BENFICA - PORTO

A nova linha dianteira do Benfica fez bom jôgo, mas a defesa portuense manteve a organização. Neste ataque vêem-se José Pedro e Vitor Baptista, com Espírito Santo na expectativa, contra Alfredo e Romão



Das desgraças de um beneficiam os outros

Mantem-se cada vez mais vivo o interesse da Prova, pois os Grandes encontram sérios obstáculos na Província

Crónica de TAVARES DA SILVA

ESTAMOS em plena maré de surpresas; e, ao acontecer assim, estas perdem o seu carácter para passarem a ser «coisas naturais». A verdade, todavia, é que, por enquanto, nada nos autoriza a dizer que não se trata de surpresas...

Uma coisa emerge da 6.ª jornada e deixa na sombra todas as outras: a proeza do Sporting de Braga ao abater o Sporting Clube de Portugal, no campo da Ponte, até aí invencível...

Esse triunfo, que representa a decisão inabalável em que se encontram os bracarenses, veio aumentar grandemente o interesse da competição. Se os «leões» se adiantassem muito na Tabela logo a um terço da Prova, que ficaria para o resto?

Apenas, sem dúvida, as posições intermédias, resolvida a questão principal. Afinal caindo em Braga, há um lote de clubes com aspirações — o que não quer dizer que o Sporting não seja o favorito.

Não só por via da vitória de Braga como por outros indícios, pode dizer-se que o bloco «a Província» se afirma como um valor capaz de pôr em cheque os melhores de Lisboa e o campeão do Porto. As deslocções a terras como Braga, Elvas, Guimarães, Elvas, Covilhã, etc., deixaram de ser simples passeios, para serem encaradas com toda a prudência. E ainda toda é pouca!

Seja o que for que irá passar-se, temos de colocar num plano de excepcional relevo o Sporting de Braga. Vê-lo na companhia do Benfica e do Porto, e a um ponto do Sporting, representa qualquer coisa.

Cabe depois dizer que o Porto mostra uma boa afinção. O grupo tem um arranjo e sabe o que faz. Valorizado pelo concurso de dois estrangeiros, Fandiño e Silva, um argentino e um brasileiro, homens que sabem jogar mas que fogem do choque, os portuenses dão a impressão de terem encontrado o seu verdadeiro rumo. Pelo menos, no Campo Grande, conseguiram o seu melhor resultado de sempre.

Também o Benfica e o Belenenses buscam as suas melhores formações. Com «defesas» fortíssimas, todos os cuidados dos orientadores incidem nas linhas de ataque.

O novo treinador inglês do Benfica pôs a funcionar uma curiosa linha dianteira, e, sendo certo não ter dado o interior-esquerdo o rendimento que todos desejaríamos, a verdade é que a «avançada», do centro para a direita, jogou «contento». A adeptos do Benfica ouvimos o seguinte: «apesar do empate, gostámos. As menos, mostrou-se jogo de qualidades».

O Belenenses apresentou um novo arranjo na frente, numa tentativa — que ainda não se sabe o que dará — para tornar o grupo mais prático.

Dos restantes jogos há que destacar a forma como os algarvios de Orlhão, que renascem para a vida, se desfezaram do Atlético, grupo aguer-

rido; e a proeza do Lusitano em Elvas, arrancando um empate.

O Estoril, talvez com um pouco de sorte, mas esta é indispensável para se vencer, arrancou um bom triunfo no campo do Boavista, e, por sua vez, a experiência dos setubalenses dominou o entusiasmo que caracteriza os homens da Covilhã. Foram apurados os seguintes resultados:

Benfica	1	—	F. C. Porto . . .	1
Belenenses . . .	3	—	Vitória (G.) . . .	0
S. Braga	1	—	Sporting	0
Olhansense . . .	4	—	Atlético	1
Boavista	1	—	Estoril	2
Elvas	1	—	Lusitano	1
Vitória (S.) . . .	2	—	Sp. Covilhã . . .	1

Por via dos resultados, a alteração mais sensível está em ter passado o Vitória de Guimarães para baixo, e o Belenenses subido para 5.º posto. Também o Atlético desceu. Mas o panorama mantém-se o mesmo. Não tendo fugido o Sporting, a diferença que o separa agora dos três clubes, em igualdade de condições, Benfica, Porto e Braga, é apenas de um ponto. E como a prova está semeada de cascas de laranja é mais fácil a escorregadela.

UM desafio entre o Benfica e o F. C. do Porto é sempre um prato saboroso para os adeptos. Este ano, conhecida a forte tentativa dos portuenses no sentido de formar um grupo digno das suas tradições, honrosas como se sabe, o desafio do Campo Grande provocou grande concorrência do público.

O encontro, na verdade, agradou pela forma voluntariosa com as duas equipas se deram à luta. Assisti-se a um autêntico jogo de campeonato, e embora o Benfica tivesse melhores ocasiões de remate infalível, admite-se o empate imposto

pelo F. C. Porto, de facto senhor de uma equipa já por nós apreciada e aplaudida quando há uma semana venceu o Belenenses.

Neste desafio do Campo Grande pôde o F. C. Porto garantir o empate à custa da sua defesa bem colocada e forte. Barrigana está em forma magnífica, actuando na área de baliza com a autoridade e a certeza próprias de um homem de real categoria; Alfredo foi colocado em boa hora no posto de defesa central; Joaquim, alimenta o ataque com «entregas» oportuníssimas, e sempre que ampara os defesas-base revela segurança; Romão está um jogador feito; e Vergílio é um diabo que não pára um só momento, oferecendo-se às jogadas com decisão e valentia.

Certo é que a defesa do Benfica é também das mais capazes dos conjuntos portugueses. Na domingo manteve-se igualmente no melhor plano, matando a tempo as incursões de Silva, um tático, e de Fandiño, um jogador a que só devem faltar jogos e algum peso; impondo-se Francisco Ferreira a Araújo, sempre uma certeza de perigo quando entra na área de remate; e cumprindo os laterais do melhor modo, pois um dos extremos do F. C. Porto, Vieira, tem excelente categoria e está a ser cuidadosamente observado pelos críticos.

Inferi-se de tudo isto que as defesas de ambas as equipas tiveram papel preponderante no jogo. Mas não se julgue que as linhas avançadas tem pouco valor. A do F. C. do Porto, em ambiente próprio, é sensivelmente mais apta. A do Benfica tem mau lado esquerdo. Ou melhor: no domingo, José Pedro e Vitor Baptista não tiveram capacidade para desfazer a rede defensiva portuense, o que deve ter contribuído largamente para a deficiência notada nos remates à baliza de Barrigana.

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone, 31119. LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Já o lado direito dos encarnados cumpriu muito bem. Carvalho viu-se e desejou-se para «marcar» Rogério, que se exibiu com outra vontade; Melão fez-se notar do mesmo modo que Espírito Santo pela maneira sútil como orientaram os seus passes.

De um lado e do outro houve relutância no remate. Os do Benfica foram mais ágeis, mais vivos; os do Porto — mais lentos. As duas bolas marcadas, mesmo, não tiveram grande valor: — a do F. C. Porto, apareceu por via de uma grande penalidade desnecessariamente provocada por Fernandes; a do Benfica, graças a um aparatoso falhanço de Alfredo, explorado habilmente por Espírito Santo.

Mas assistiu-se a um bom jogo de campeonato. O empate tem para o Porto sabor de uma vitória. Naturalmente. No entanto, pela prova adiante, muita coisa poderá ver-se ainda.

Eis como alinharam as equipas: *Benfica* — Pinto Machado; Jacinto e Fernandes; Moreira, Felix e Francisco Ferreira; Rogério, Melão, Espírito Santo, José Pedro e Vitor Baptista.

F. C. Porto — Barrigana; Vergílio e Carvalho; Joaquim, Alfredo e Romão; Sáfins, Araújo, Da Silva, Fandiño e Vieira.

BELEM rejubilou com um triunfo bem nítido contra o Vitória de Guimarães, equipa de nervo, já feita ao terneiro. Os azuis de Lisboa tiveram excelente comportamento neste desafio, merecendo os aplausos leais do seu público, prova certa de entendimento que poderá ser muito proveitosa na acção futura da equipa.

A formação lisboeta dominou bastante em certos momentos do jogo. Mais do que o seu domínio, porém, deve dar-se relevo ao modo como os ataques se desenharam e concluíram. Que a defesa, essa, parece de pedra e cal, segura como era dantes. Quando a experiência acompanhar o gesto dos avançados de Belém, jovem na maioria, pode o popular clube encerrar com alguma serenidade a sua tarefa.

Está feito o elogio de Guimarães através de uma actividade que conta bons e merecidos triunfos. A defesa é rija. Actualmente, quase todas as equipas dispõem de elementos capazes de fazer triunfar o sistema de marcação, e os vismaranenses aplicam-no com segurança. Se não fosse isso, talvez o engenheiro lisboeta tivesse dado mais trabalho a Machado.

As equipas alinharam da seguinte forma:
Belenenses — Sérgio; Vasco e Sersfim; Rebelo, Feliciano e Daniel

A "graça" da semana



Tudo pode acontecer nas passagens deste... Campeonato!

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

340 PÁGINAS
200 GRAVURAS

E' definitivamente posto à venda
no princípio do próximo mês

PREÇO DE CAPA — ESC. 40\$00

Pedidos à Administração da STADIUM — Rua da Rosa, 252

LISBOA — Telefone 31187

Matos; Nunes, Vicente, Sidónio, Pinto de Almeida e Narciso.

Vitória de Guimarães — Machado; Ferreira e Costa; Jorge, Curado e Teixeira; Rebelo, Miguel, Brioso, Custódio e Franklin.

MAS em Braga deu-se uma surpresa? Ou não se deu e temos todos de julgar que os rapazes da capital do Minho possuem de facto uma equipa genial, um grupo que em duas vitórias, uma sobre o F. C. do Porto e outra sobre o Sporting, deu provas de ter «fundos» para torneio?

Julgamos desde já que o Sporting de Braga tem uma boa equipa. Os seus 9 pontos à 6.ª jornada asseguraram ao seu «team» uma posição invejável, e por certo estão afastadas todas as preocupações que no fim da última época lhe hateram à porta.

O Sporting perdeu dois pontos e não se pense que isso é pouco importante. A equipa foi para Braga sem Jesus Correia, uma unidade que marca sempre a sua presença, e Travassos não conseguiu, nesta deslocação da esquerda para a direita, melhorar em nada o conjunto. Parece, até, que a linha deanteira leonina fracassou no campo da Ponte de um modo impressionante.

Também começa a provar-se que o Sporting de Braga, marcando primeiro, guarda àvaramente a sua rede.

A defesa respira força, decisão, e os adversários fazem mal em se manter até o fim à espera do desgaste...

Dois grupos o dizem da mesma maneira: F. C. do Porto e Sporting.

Eis como allinharam:
Sporting de Braga — Marques; Faria e Joaquim; Daniel, Sobral e António Marques; Dianantino, Adolfo, Mário, Cassiano e Frederico.

Sporting — Azevedo; Moreira e Juvenal; Canário, Manuel Marques e Barrosa; Travassos, Vasques, Peyroteo, Albano e Martins.

AS melhores ou mais expressivas vitórias da jornada apareceram em Belém e Olhão. Os olhanenses triunfaram magnificamente contra o Atlético, onde Correia fez valer os seus recursos de bom guarda-redes, lutando com brío na frente do ataque bem ordenado dos algarvios.

Os grupos que ainda não foram a Olhão não o podem fazer sem apreensões. A equipa melhorou consideravelmente na época actual, embora conte com as mesmas figuras de outros anos.

Allinharam:
Olhanense — Abraão; Rodrigues e Loulé; Acácio, Emanuel e Graziña; Moreira, Soares, Cabrita, Salvador e Carmo.

Atlético — Correia; Rosário e

Abreu; Armando Carneiro, Pereira e José Lopes; Barbosa, Demétrio, Gregório, Martinho e Caninhas.

NOVA derrota do Boavista — o grupo que ainda não conseguiu qualquer vitória na prova deste ano. Continua naturalmente por solucionar a crise no simpático clube do Bessa, onde a figura de Fernando Caiado se perde no meio do mar revolto da desgraça.

Os estorillistas, aparentemente menos fortes que nas últimas épocas, obtiveram no campo dos adversários portuenses dois pontos que podem abrir-lhe caminho para outras façanhas. No fundo, estão todos os grupos no princípio da prova e ainda muito a tempo de ir mais longe. Talvez o segundo do Porto o consiga, também, lá mais para deante...

As equipas:
Boavista — Mota; Raimundo e Pereira; Serafim, António Caiado e Ramos; José Caiado, Armando, Fernando Caiado, Luzia e Vieira.

Estoril — Sebastião; Carlos e Alberto; Cristiano, Eloi e Nunes; Lourenço, Hernani, Mota, Vieira e Raul Silva.

ELVAS cedeu um ponto aos algarvios de Vila Real de Santo António. O Lusitano já fez surpresas fóra de casa e esta não é das más, visto os elvenses contarem com grupo aguerrido, como ainda há pouco demonstrou na frente do Sporting.

Mais uma vez é oportuno afirmar-se que conquistar um ponto fora de casa tem o valor de uma interessante vitória.

Eis os dois «teams»:
«O Elvas» — Calleja; Galinho e Oliveira; Casimiro, Neves e Sousa; Massono, Berna, Patalino, Vieira e Manuelito.

Lusitano — Isaurindo; Faustino e Branquinho; Mortágua, Caldeira e Madeira; Almeida, Calvino, Helder, Germano e Angelino.

SETÚBAL submeteu a Covilhã. Os «leões» serranos não tiveram força para construir a vitória no campo dos Arcos, sempre difícil para qualquer visitante. Não revela o 3-1 má figura por parte dos estreantes, há pouco vencedores do Benfica, mas indica-nos que os setubalenses procuram melhorar e fugir da zona perigosa muito a tempo.

Formaram:
Vitória de Setúbal — Baptista; Primo e Figueiredo; Pina, Beltrão e Jacinto; Virgolino, Armando, Vasco, Cardoso Pereira e André.

Sporting da Covilhã — Ramalhoso; Roqui e Leopoldo; Fonseca, Pedro Costa e Fialho; Livramento, Teixeira da Silva, Carlos Ferreira, Martinho e Noronha.

MARCADORES

Marcaram-se apenas 19 golos na última jornada — isto é, menos 10 em relação à penúltima. O maior número foi conseguido no Olhanense-Atlético (4-1) e alguns jogadores que o público está habituado a ver marcar não fizeram avarias, desta vez...

Vejamos, portanto, a classificação actual dos marcadores, nestas 6 jornadas:

Com catorze golos: Fernando Peyroteo (Sporting).

Com cinco: Franklim (Vitória de Guimarães), Albano (Sporting), Sidónio (Benelenses) e Lourenço (Estoril).

Com quatro: Araújo (Porto), Jesus Correia (Sporting), Mota (Estoril), Patalino (Elvas), Vieira (Porto) e Vasques (Sporting).

Com três: Custódio (Guimarães), Rogério (Atlético), Barbosa (Atlético), Frederico (Braga), Travassos (Sporting), Carlos Ferreira (Covilhã), Angelino (Lusitano), Vieira (Elvas) e Sanfins (Porto).

Com dois: Dismantino (Braga), Corona (Benfica), Júlio (Benfica), Campos (Setúbal), José da Costa (Benfica), Melão (Benfica), Assénio (Benfica), Macedo (Lusitano), Frade (Benelenses), Livramento (Covilhã), Oliveira (Elvas), Gregório (Atlético), Moreira (Olhanense) e Vasco (Vitória de Setúbal).

Com um golo: Canário (Sporting), Narciso, Fidalgo e Matos (Benelenses), Romão e Fandiño (F. C. do Porto), Nunes, Correia dos Santos e Alberto (Estoril), Roqui (Covilhã), Marques, Cassiano e Daniel (Braga), Fialho, Fonseca e Tomé (Covilhã), Cabrita, Carmo e Soares (Olhanense), Massono e Carvalho (Elvas), Vieira, Alcino, Garcia, Serafim, F. Caiado, Armando e Passos (Boavista), Almeida e Ben David (Atlético), Brioso, Teixeira da Silva e Miguel (V. Guimarães), Espírito Santo (Benfica), Vicente e Nunes (Benelenses), Mário (Sporting de Braga), Raul Silva (Estoril), Cardoso Pereira (Vitória de Setúbal) e Primo (a favor do Covilhã, na própria rede setubalense).

Assinem a Revista
Stadium

COISAS DA BOLA...

Pe-lo JORNALISTA
DESCONHECIDO

A estas horas deve estar resolvido o preenchimento do posto de seleccionador nacional. Ao contrário de todos os boatos postos a correr, foi convidado para o cargo o sr. dr. Armando Sampaio, antigo jogador do Sporting e da Académica, que vive presentemente em Portalegre onde faz medicina e tem lavoura. Trata-se de um elemento que tem acompanhado a evolução do jogo e sabe ver e apreciar futebol.

O grupo de honra do Benfica, e julgamos que todas as outras equipas, foram confiadas ao novo treinador, Ted Smith.

A propósito, cabe dizer não serem exactas algumas afirmações que correm, postas na boca do treinador inglês. De uma sabemos nós ser precisamente ao contrário.

PEREIRA Duarte, o hábil interior de Belém, está em Lisboa submetido a intenso tratamento na semana que decorre. Tavares da Silva quer saber os elementos com que pode contar.

O Benfica resolveu abrir as portas do seu campo atlético sómente às 10 horas.

Quere dizer, a direcção do Benfica, muito justamente, deseja que a preparação dos seus jogadores seja feita em ambiente de absoluta tranquilidade. Nada mais sensato.

DIZ-SE que a decisão de autorizar apenas «Festas de Homenagem», e não de despedida, e ainda de chamar à representação nacional atletas afastados, permitirá o regresso de Alvaro Cardoso, pelo menos, ao «team» do Sporting. E lembramos a gente do que se chegou a dizer do rapaz...

VIEIRA, o extremo-esquerdo do Porto, vindo do Beira-Mar, que, num repente, atrafu a atenção da crítica e dos bons adeptos, chegou a ser abordado pelo Benfica — mas este clube teria desistido ante a importância em perspectiva. Estavam em jogo cerca de cem contos. Hoje talvez a solução fosse outra...

E o mais que sabemos guardamos para a próxima semana. Acrescentaremos, no entanto, que, resolvida definitivamente a questão do Vital, o rapaz já allinhará no domingo que vem.

Classificação Geral

	CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Sporting.....	6	3	—	24-5		2	—	1	7-4	5	—	1	31-9	10	
Benfica.....	6	2	1	—	8-1	2	—	1	3-2	4	1	1	11-3	9	
F. C. Porto....	6	3	1	—	5-2	2	—	1	8-3	4	1	1	13-5	9	
Sp. de Braga...	6	2	—	1	4-2	2	1	—	6-5	4	1	1	10-7	9	
Benelenses....	6	2	—	1	9-2	1	1	1	3-4	3	1	2	12-6	7	
Vitória (G.)...	6	3	—	—	8-2	1	1	2	3-7	3	1	2	11-9	7	
Estoril.....	6	1	2	—	7-5	1	—	2	6-10	2	2	2	13-15	6	
Olhanense....	6	2	—	1	6-3	—	2	1	3-3	2	1	3	7-6	5	
Sp. da Covilhã..	6	2	1	—	6-1	—	—	3	3-10	2	1	3	9-11	5	
Atlético.....	6	2	—	1	7-7	—	1	2	5-10	2	1	3	12-11	5	
Elvas.....	6	1	1	1	7-7	—	1	2	4-8	1	2	3	11-15	4	
Vitória (S.)....	6	1	—	2	4-5	1	—	2	1-7	2	—	4	5-12	4	
Lusitano.....	6	—	1	2	4-4	—	2	1	4-10	—	3	3	6-14	3	
Boavista.....	6	—	1	2	5-10	—	—	3	2-19	—	1	5	7-29	1	

NOVOS VALORES DO FUTEBOL PORTUGUÊS

JOSÉ SÉRIO

O GUARDAREDES «INTERNACIONAL» DO BELENENSES
FAZ-NOS CURIOSAS REVELAÇÕES SOBRE A SUA
VIDA DE JOGADOR



ENTRE os jogadores de futebol da moderna geração, José Sérgio — o guarda-redes «internacional» do Belenenses — é, sem dúvida, um dos que mais firmes progressos tem evidenciado, através de exibições certíssimas e valorosas, na defesa das cores do seu clube — o único que até hoje conheceu.

Iniciando a sua carreira desportiva, na equipa de juniores dos «azues», em 1938, Sérgio subiu à categoria de honra, por mérito próprio, depois de ter feito o necessário e proveitoso estágio nas categorias secundárias.

José Sérgio, que, há dias, procurámos para uma breve entrevista, destinada a iniciar esta galeria de «novos valores de futebol português» deu-nos a sua opinião sobre o assunto:

— Realmente, considero benéfico para a minha carreira de jogador o longo período em que permaneci nas «reservas» e nas «segundas». Aprendi muito, ganhei bastante «calos», e, quando, em 1945, fui chamado para alinhar num jogo de campeonato nacional contra o Sporting, por Capela estar doente, não estranhei muito e consegui desempenhar cabalmente a minha missão...

A confirmar esta sua declaração, Sérgio acrescenta:

— Acho que um jogador não deve «sentar praça em general», pois nos «teams» menos categorizados aprende-se muito coisa que mais tarde nos é útil. A calma, a visão do lance, a «traição» dos avançados e outros pormenores importantes experimentam-se nesses jogos de menor cartel e já não são novidade, quando aparecemos entre os «grandes».

Interrompemos a interessante exposição do «internacional» de Belém precisamente para lhe lembrarmos que a sua estreia na equipa portuguesa ficou assinalada por um excesso de nervosismo, que originou a sua substituição por Barrigana.

Sérgio «apara o golpe» e responde, sem pestanejar: — Na verdade, assim foi, mas não devemos esquecer que o ambiente me era inteiramente desfavorável, uma vez que o público espanhol, embora correcto, desejava, acima de tudo, a vitória da sua equipa. No entanto, devo recordar-lhe que, apesar de todo esse nervosismo, ainda tive a calma suficiente para pedir a Scopellì que me substituísse...

O rumo tomado pela conversa determina uma nova pergunta:

— Tenciona voltar à equipa de Portugal?

— Desta vez, esperamos um pouco mais. Mas, finalmente, o nosso interlocutor resolve-se:

— Tenho 26 anos e considero-me melhor do que na última época. De resto, tenho tempo, pois suponho que «durarei» muitos anos ainda. Sabendo isto, não há que ter pressas, mas sim esperar a oportunidade...

«NASCI EM BELÉM...»

As palavras ponderadas e sinceras de José Sérgio provam-me que estamos em frente de um atleta equilibrado e honesto, conhecedor do que vale e do que pode fazer, sem procurar iludir-se e iludir os outros.

(Continua na pág. 14)



OS SETUBALENSES VENCEM COVILHÃ, QUE SE PORTOU BEM E SOUBE LUTAR

Fotos AMÉRICO RIBEIRO



1 — Ramelhoso, guardaredes da Covilhã, defende, e sofre a carga de Vasco; 2 — Baptista executa uma defesa e dá confiança ao seu grupo



Vasco, avançado-centro de Setúbal, está no ênio, mas acaba por marcar vitoriosamente o primeiro tento do seu grupo



Cardoso Pereira disparou o remate, e, nesta fase, ainda que pareça estranho, a bola passou por cima de Ramelhoso e transferiu-se para o 2.º golo de Setúbal!

ANDEBOL



Disputou-se no passado domingo a 1.ª jornada do Torneio de Abertura de andebol. À esquerda, um trecho do encontro Belenenses-Os Treze ganhou por aquele por 8-4; à direita uma fase do jogo Oriental-Glória, que o primeiro venceu por 8-2. Os jogadores não fazem ginástica nesta fase, que é simplesmente uma atitude defensiva!

LUSITANO EMPATA EM ELVAS

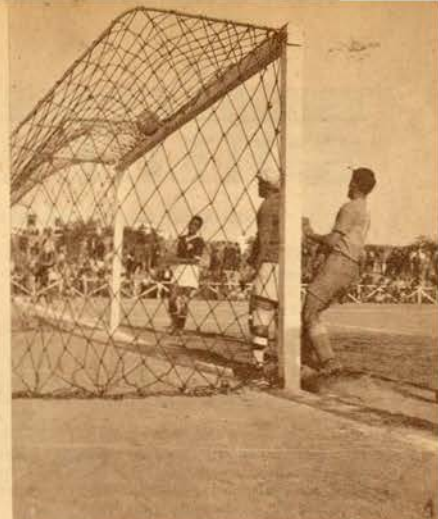
Fotos M. CHINITA



3



2



1 — O golo marcado por Vieira, do Elvas. 2 — Isaurindo defende com êxito. 3 — Uma fase confusa, mas vigorosa, junto das balizas do Lusitano

A LINHA DEANTEIRA DE OLHÃO DESBARATA O ATLÉTICO...

Fotos PATRÍCIO



1 — Correia executa uma defesa a remate forte de um avançado olhanense; 2 — ...e, no seu bom estilo, atira-se ágilmente a uma bola alta; 3 — Ainda uma defesa de Correia, vendo-se Cabrita no ataque e Pereira na defesa

JOGOS DA 2.ª DIVISÃO DO CAMPEONATO NACIONAL



EM FAMILIÇÃO

FAMILIÇÃO, 1 — VIANENSE, 1



Foto ERNESTO CRUZ

EM PORTIMÃO

PORTIMONENSE, 6 — CAMPOMAIORENSE, 1



Foto URBANO SANTOS



Um remate alto de Faro...

EM BEJA

DESPORTIVO, 4 — FARENSE, 1



Os bejenses atacam!

Foto ARMANDO RAPOSO

Sobrinho... de peixe

Manuel da Costa, que foi da Acadêmica e do Benfica, e alinha actusamente na Sanjoanense, deixou na sua linda cidade transmontana, Vila Real, um sobrinho que tinha então habilidade para o futebol. Jogava com a bola de trapo...

Hoje — o rapaz chama-se Castanheira! É considerado um valor. Joga a avançado-centro, no Sport Clube, e Manuel da Costa sente-se contente por ter sido seu mestre e inspirador. Aqui os encontramos, satisfeitos, embora adversários. Um valor que já deu provas — outro que desponta...

BOXE NO COLISEU DOS RECREIOS

GUILHERME MARTINS

com um soco magnífico, adormeceu Carmona Gomez

CONQUANTO o pugilista espanhol Carmona Gomez não tenha o cartaz de Walter Momber ou de Juanito Martin, por exemplo, a sua derrota por *knockout*, brilhantemente concebida e melhor realizada pelo barcelense Guilherme Martins, constitui uma bela proeza desportiva.

Em Martins, o pugilismo nacional tem o seu melhor representante e, até, um valor. Se, por um lado, a técnica do jogador lusitano é pobre de recursos e por vezes ingénua (deixando-se surpreender, como aconteceu deante de Rafael da Silva), pelo outro, possui belo temperamento combative, resistência, valor e contundência de golpe.

A desforra entre Martins e Gomez, terminou ao 9.º assalto com um dos mais belos desfechos que se têm presenciado em ringues portugueses, concluindo vinte e seis minutos de batalha sempre favorável ao nosso compatriota.

Gomez tem consigo a fama de poder aguentar duro castigo e na verdade assim no-lo demonstrou, nas duas visitas que fez a Portugal.

Agora, porém, as suas réplicas foram incapazes de refrear o seu precedente vencedor e, se bem que aguentasse com estoicismo um aguaceiro de socos — mais frequentes que certos — acabou por sucumbir no nono *round*,

quando um *hook* de extraordinária precisão e oportunidade o anesteziou por muito tempo.

Martins levava a Gomez 1 quilo e 700 gramas de vantagem ponderal, tendo pesado 66 200 na báscula. Isto revela que o barcelense se encontra no extremo superior da categoria de «semi-médios», devendo acautelar-se e procurar não a exceder.

Das peripécias do desafio pouco há que mencionar. Tirando o quarto e o sétimo assaltos, nos quais o pugilista espanhol alcançou notoriedade, os outros couberam a Martins, por folgada margem de pontos.

Nos três combates anteriores, Valente Rocha, Alamo e António Matos derrotaram por pontos os respectivos adversários, Orozco, António Figueiredo e David Ferreira.

O desafio entre Rocha e Orozco foi o melhor do trio, embora o mais despido de calor. Viu-se alguma esgrima de parte a parte, mas a luta não entusiasmos grande número de espectadores, ávidos de fortes emoções. O pugilista espanhol expôs os primores da boa escola castelhana, manifestando uma classe certa em frente do mais habilidoso dos actuais jogadores portugueses. No fim, a vitória por pontos, de Rocha foi obtida por escassa vantagem, ainda que de justiça.

António de Figueiredo, substi-

tuto de Júlio Neves, impossibilitado à última hora, aguentou um embate duro e perdeu por pontos com galhardia. Surpreendido, pelo convite inesperado de tomar o lugar de Neves, estava sem a necessária preparação. Isto mais valoriza o seu esforço e o público assim o compreendeu, aplaudindo-o no final.

Lamentamos o desinteresse patente de Figueiredo por um desporto que exige muita aplicação e persistência. Os bons combates do ex-casapiano contra homens de excelente cartaz, como Liacer, por exemplo, não saíram ainda da memória popular. Incitamo-lo a que volte por seus fóros, preparando-se para novas reparações.

Em prólogo do programa, David Ferreira perdeu com António de Matos mas o *match* nulo seria de mais justiça. Manifestaram grande vontade e escasso saber, e nenhum arredou pé, até que esgotaram as forças. Ferreira quis esgrimir um tanto. Talvez por isso nos agradou mais.

O espectáculo de inauguração da época de inverno teve boa concorrência de espectadores no Coliseu dos Recreios. O programa, equilibrado, embora sem «estrelas» do estrangeiro, satisfaz os apreciadores e o crítico.

Rafael Barradas

título, tem uma árdua missão a cumprir, pois, da primeira à última jornada do torneio, os seus adversários tudo farão para que não repita a sua excelente proeza.

A abertura oficial da época teve lugar no dia 20, no campo do Ateneu, com a festa comemorativa do XXI aniversário da Associação de Lisboa.

Disputaram-se os jogos Campolide-Boa Hora e Benfica-Atlético, para disputa de duas valiosas taças. Os trios pertenceram ao Campolide e ao Atlético, respectivamente por 23 20 e 31-27.

No intervalo destes encontros, foram entregues os prémios referentes às épocas de 1946-47 e 1947-48.

Monteiro Póças

BASQUETEBOL

Os primeiros jogos da época

A Associação de Basquetebol de Lisboa, ao contrário do que sucedea no ditima época, resolveu este ano organizar os seus campeonatos a tempo e horas, para evitar as complicações, os atritos, as inevitáveis deficiências que se verificaram em 1947-48.

Merece, portanto, rasgados louvores a entidade dirigente do basquetebol lisboeta, pois a sua atitude pode e deve significar que, desta vez, o assunto foi estudado, no altura devida, e de forma a que tudo decorra normalmente.

Assim como não perdamos os taltes cometidos pelos dirigentes e provadas pela sua negligência, também não queremos deixar de felicitar os elementos da A. B. L. pelo seu esmero em benefício do basquetebol — prendido de uma época sem os costumedos conflitos e mal-entendidos.

O Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra — a prova mais importante do calendário associativo — começa dentro de dias, com a participação dos seguintes clubes: Atlético, Benfica, Belenenses, Sporting, Lisboa Ginásio, Lisgás, Carnide e Moscavide.

A competição deste ano deve ressaltar bastante emzima, não só porque todos os equipas estão sendo sapeites, há muito, a treino cuidados e persistente, como ainda porque, no lote dos «tenas» considerados mais fracos, existe um desejo de valorização que muito interesse emprestará à prova.

No entanto, o favoritismo inclina-se, ainda, para o «trio» Atlético-Benfica-Belenenses que, nos ditimos tempos, tem mantido considerável superioridade sobre as restantes equipas da capital.

O Atlético, actual detentor do

título, tem uma árdua missão a cumprir, pois, da primeira à última jornada do torneio, os seus adversários tudo farão para que não repita a sua excelente proeza.

A abertura oficial da época teve lugar no dia 20, no campo do Ateneu, com a festa comemorativa do XXI aniversário da Associação de Lisboa.

Disputaram-se os jogos Campolide-Boa Hora e Benfica-Atlético, para disputa de duas valiosas taças. Os trios pertenceram ao Campolide e ao Atlético, respectivamente por 23 20 e 31-27.

No intervalo destes encontros, foram entregues os prémios referentes às épocas de 1946-47 e 1947-48.

Monteiro Póças

ARCADIA O DANCING N.º 1
= DA CAPITAL =

Grandioso triunfo da célebre orquestra espanhola

MANOLO BEL Y SUS MUCHACHOS

Sensacional programa de Variedades com a extraordinária atracção

TRIO ALONSO

Marillis de Lagunar-Les Deux Parisiennes

Carmelita de Cordoba, Mary-Mely, Hermanas Rodriguez,
Lila-Anilis, Nuncha de Aragon e Mabel Valencia

O Império e o desporto português

O atletismo francês já de há muito tempo vinha fortalecendo as suas fileiras com elementos vindos do seu Império colonial; os marroquinos recrutados nas unidades militares em serviço na metrópole forneceram, notoriamente, apreciável tributo à falange de corredores de fundo e de corta-mato. Para citar um exemplo, lembremos apenas o campeão olímpico da maratona, El Onfi.

Presentemente este esforço de prospecção está sendo alvo de cuidados especiais e assim, entre outros, a França incluiu este ano nas suas representações oficiais, o algeriano Damitlo, o marroquino Mimoun e o senegalês Papa Gallo; no final da temporada surgiu ainda uma revelação de origem algeriana, o jovem corredor de meio-fundo El Mabrouk, considerado já pela crítica especializada como o sucessor do campeão Hansenne.

Ao verificar a importância destes reforços num atletismo de muito maior classe do que o nosso, adicionando-lhe a lembrança do lugar preponderante que os atletas de raça negra ocuparam este ano em algumas especialidades do desporto universal, o pensamento insiste na recordação de uma iniciativa que já não é nova mas nunca passou de utópico sonho de alguns: os Jogos Imperiais Portugueses.

Embora saibamos que o projecto não é de fácil realização, que demanda largo prazo preparatório para resultado eficiente, que só é possível realizá-lo com ampla colaboração prévia dos organismos técnicos metropolitanos, parece-nos que os benefícios consequentes valeriam bem o esforço e o sacrifício.

O empreendimento poderia ser levado a cabo pelo acordo e organização comum do Ministério das Colónias e da Direcção Geral dos Desportos, fixando-lhe uma data a prazo bastante largo, para que houvesse possibilidade de enviar, aos principais centros do Ultramar, elementos técnicos que orientassem a preparação local nas modalidades em que fosse necessário.

Não nos restam dúvidas de que, em alguns jogos, os seleccionados metropolitanos não levariam a melhor nas finais e o desporto imperial erguer-se-ia prestigiado no cenário magnífico do Estádio do Jamor.

O GRUPO QUE BATEU A HUNGRIA (1938)



O notável grupo que, em 9 de Janeiro de 1938, vencendo a Hungria por 4-0, firmou nas Salésias o ressurgimento do futebol português.

No 1.º plano, da esquerda para a direita: Artur de Sousa (*Pinga*), Francisco Albino, Amaro, Soeiro, José Simões e Espírito Santo.

No 2.º plano: Dionísio Hipólito (*maçagista*), Azevedo, João Cruz, Gustavo Teixeira (*capitão*) Mourão, Mário Galvão (*na 2.ª parte*) e Carlos Pereira.



João Cruz, o anigo extremo-esquerdo do Sporting e da Selecção nacional, prepara-se para der lute ao defese direito húngaro

A campanha gloriosa de Amsterdão marcou na história do futebol português uma data de apogeu, à qual seguira bruscamente uma temporada desastrosa. Em 1929 em três saídas, três derrotas amargas: 0-5 com a Espanha, 0-2 com a França e 1-6 com a Itália.

Nos anos seguintes, feita a indispensável renovação de quadros, a situação melhorou e até 1934, a equipa de Portugal consegue, em nove encontros, cinco vitórias; naquela época, porém, novo desastre, na eliminatória da Taça do Mundo, em Madrid, onde sofremos um doloroso 9-0.

O fracasso, em vez de constituir desânimo, estimulou o brio dos nossos jogadores, que oito dias depois, em Lisboa, se bateram de igual para igual contra os mesmos adversários; e a classe internacional do futebol lusitano foi dando de novo provas da sua realidade: empatando com os espanhóis 3-3 em 1935; batida apenas por 2-3, em 26 de Janeiro de 1936, no Porto, pelos austríacos do famoso «wunderteam» de Hugo Meisl; novamente derrotado em Lisboa pelo grupo da Alemanha, por 1-3.

Esta instabilidade de resultados ateslava o decurso de um período transitório de adaptação, dificultado nos seus progressos pelo impedimento na celebração de novos encontros internacionais porque a guerra da libertação em Espanha nos separara praticamente do resto da Europa.

Em 1937 desloca-se o nosso grupo a Vigo, para defrontar o grupo representativo da Espanha nacionalista e regressa com uma lisonjeira vitória por 2-1; e no princípio do ano imediato, 9 de Janeiro de 1938, conseguimos enfim trazer a Lisboa uma equipa representativa estrangeira: a da Hungria, valorosa formação avaliada por uma série de resultados expressivos e que ante a própria invencível selecção inglesa demonstrara o seu talento de jogar. Os clubes lisboetas haviam trazido a Portugal o grupo da Hungria para disputar alguns encontros durante as férias do Natal aos Rios.

Os resultados não haviam sido muito favoráveis aos visitantes, dando-lhes pré-aviso do valor dos futebolistas portugueses; empate com o Belenenses, na estreia, por

A nossa SEPARATA

Portugal, 4 - Hungria, 0 em 9 de Janeiro de 1938

1-1, seguido de boa vitória por 4-0 contra o Benfica mas, para concluir, derrotas de 3-1 pelo Sporting e de 6-2 pelo misto B. S. B.

No entanto, da Hungria vieram novos elementos para a composição do grupo nacional e, no dia indicado, grande multidão acorreu às Salésias para apoiar com seus aplausos o onze seleccionado por Cândida de Oliveira.

Arbitrando o francês Capdeville, os húngaros alinharam: Szabo (Hungaria), M. klosi (Szuerketxi) e Bió (Hungaria); Gyarmati (Szeged), Turay e Dudas

desenhar-se: Cruz corre com a bola e centra; Soeiro, de fora da área, lança um formidável remate que Szabo não consegue segurar e Espírito Santo, rápido como uma flecha, recarga para as redes, apesar do esforço do húngaro.

Poucos minutos volvidos, a cena repete-se: Espírito Santo, à entrada da área, dispara um tiro poderoso, que Szabo volta a não segurar e João Cruz ocorre a fazer o ponto.

Chega assim o intervalo e, ao recomençar o jogo, os húngaros lançam-se ao ataque, sem resul-

DECIDIDAMENTE, andamos com a «veia» nigromantica um tanto desafiada... Nem um resultado certo, para amostra! O do desafio das Salésias foi o que mais se aproximou, errando por um gol — aquele que os vimaranenses não chegaram a meter...

No próximo domingo disputam-se os seguintes jogos:

Atlético-Belenenses (1-1)
Sporting-Olhannense (3-2)
Estoril-Sporting de Braga (6-1)
Elvas-Boavista (5-0)
V. Guimarães-Benfica (2-2)
F. C. Porto-V. Setúbal (5-2)
Lusitano-Sporting da Covilhã

Os aficionados lisboetas têm bem por onde escolher, pois todos os desfechos a disputar na área da capital rivalizam-se em atrativos.

Um Atlético-Belenenses é uma espécie de «derby...» no ocidente lisboeta! Ultimamente tem havido um ror de empates entre os dois grupos vizinhos. Não acreditamos que a tradição se mantenha, pois até já parece mal...

Destra vez há-de ganhar um deles, seja qual for — mesmo por um resultado tangencial. Números: 3-2 — a favor... do que vencer, evidentemente!

— Ouvimos dizer que os olhanenses vêm jogar ao Lumiar equipados com relógios para saberem a quantas andam... Aquela questão cronométrica do ano passado, à qual se

(Hungaria); Sas (Hungaria), Vince, Kallai e Zsengeller (Ujpest) e Titkos (Hungaria).

A equipa nacional alinhou: Azevedo (Sporting), Simões (Belenenses) e Gustavo (Benfica); Amaro (Belenenses), Albino (Benfica) e Carlos Pereira (F. C. P.); Mourão e Soeiro (Sporting), Espírito Santo (Benfica), Artur Sousa (F. C. P.) e João Cruz (Sporting).

Na segunda parte, Galvão (Sporting) substituiu Simões, que se magoara e, nos contrários, Szendroki ocupou o posto de avançado centro e Szucs o de médio centro.

O jogo teve, desde os primeiros minutos, grande entusiasmo, em toada de ataque e resposta, mas cabendo aos portugueses a iniciativa das mais perigosas situações. Depois de perdas algumas oportunidades, a vitória começa a

tado, porque Azevedo para tudo quanto os defesas não conseguem sustar.

O destino confirma-se com novo tento português; com um remate rasteiro de Soeiro; a reacção contrária é desesperada, Gustavo e Azevedo destacam-se nesse período de perigo mas estava escrito que os húngaros nem o ponto de honra alcançariam.

Foram os portugueses quem, no declinar da partida, aumentaram sua vantagem: Sas marca um canto contra a baliza lusitana e Soeiro, que accorrea a reforçar a defesa é quem fica na posse da bola; avança com ela, passa adiantado a Mourão que continua o ataque e, quando Birá ocorre a opôr-se, endossa-a a João Cruz que se desvia para o centro do terreno e, após curta corrida, aponta o quarto e último ponto português.

Foi assim construído o triunfo que necessitava o futebol nacional para firmar seus créditos abalados; foi este o resultado prestigioso a que Ricardo Ornelas, na sua crónica de «Os Sports», chamou «A melhor vitória de todos os tempos», acrescentando: «A excelente exibição contra a Austria que foi, em nosso entender, a mais consciente de baixo do ponto de vista técnico, de todas até então, não grangeou aplausos gerais. O valor, o grande valor da vitória de ontem não deve ser posto em dúvida e veio ratificar por completo a ideia de que os progressos do futebol português são reais. A vitória só pode filiar-se na qualidade do jogo posto em prática p-los jogadores portugueses e não como outras vezes terá sucedido, em qualquer factor alheio; nem foi devida a luta heroica pelo resultado, nem teve a favorece-la este ou aquele desígnio de arbitragem, esta ou aqua ajuda da sorte de jogo.»

Previsões da 7.ª Jornada

deve a existência do celeberrimo «carneiro», deve-lhes ter ficado de emenda!... Mas o Sporting há-de querer liquidar a contenda bem a tempo e até com uns golitos de diferença, por causa das dívidas... Eis a nossa previsão: 4-2.

— Os «geómetras» de Braga vão jogar ao Estoril. Verdade seja que o campo não se presta lá muito bem para triangulações inesperadas, mas enfim — talvez assim mesmo se consiga uma exibição agradável. Como os «amarelos» têm andado na maré de empates, vamos por mais um... A três bolas para variar!

— Um ataque forte contra uma defesa fraca! — é a conclusão a tirar da leitura da tabela da pontuação, na parte que toca ao Elvas e ao Boavista. E juntando-se a isto o precedente havido no campeonato anterior, concluiu-se que o vaticínio terá de ser desfavorável aos «xaxazeiros» — e por margem bem pouco lisonjeira... Mas para não nos chamarem exagerados votaremos por uma marca «histórica»: 4-1!...

— Os «teams» minhotos costumam bater o pé aos melhores, sem cerimónia nenhuma. O Benfica, no ano passado, não conseguiu passar em Guimarães nem em Braga. Que acontecerá neste torneio?

É natural que os «encarnados» consigam uma difícil vitória na terra do seu «captião», que lhes permita continuar na pegada dos favoritos. O nosso vaticínio é: 2-1. Tem até a virtude de dar para os dois lados...

— Porto e Setúbal ocupam lugares dessemelhantes na tabela da classificação geral. E como se isto não bastasse, o jogo disputa-se no campo do mais bem classificado! Resultado: prevemos um «paradoxo» por 6-1. (Não é gralha não, leitor amigo. Queremos apenas dizer que perde o Vitória». Era só para não dar nas vistas!...)

— Em Vila Real de Santo António joga-se uma partida de éz. Nada menos... que um Benfica-Sporting — em miniatura! Os «erebentos» devem bater-se à valentona, enquanto os «papás» não o podem fazer também. Já que o Lusitano não se pode desforrar directamente da colecção de golos que o «papá» Sporting o tem mimosado, queremos parecer que são os «leões juniores» que as vão pagar todas juntas, tanto mais que atiraram a primeira casca de lanfaja ao «papá-Benfica». (O que vale é depois a retribuição, quando os algarvios forem até à Serra!...) Eis o nosso prognóstico: 3-1, a favor dos locais.

BENFICA—PORTO EM JOGO DE CATEGORIA



Uma atitude espectacular de Barrigana, que demonstrou ser um guardaredes de alto a baixo. José Pedro não tira os olhos da bola



Um jogador do Porto abaixa-se, e o do Benfica faz a jogada — mas sem resultados negativos

Fotos AMADEU FERRARI



1 — Os defesas portuenses protegem magnificamente o seu guardaredes! 2 — Fernandes, não estando em situação de perigo, meteu mão. Fandiño transformou o castigo no empate



Francisco Ferreira, impetuosamente, na companhia de José Pedro, tenta já o impossível que será, afinal, desfazer o empate, mas a defesa do Porto não cede e suporta com êxito o ímpeto!



GENTE NOVA NO ATLETISMO



No passado domingo o Sporting organizou o Grande Prémio do Iniciado, de que damos, em cima, um aspecto da corrida de 82 metros-barreiras. Em baixo: os concorrentes ao corta-mato organizado pelo Belenenses.

CICLISMO—O "Circuito de Monsanto"



O Campo de Ourique organizou o «Circuito de Monsanto», prova destinada a iniciados e amadores, com um percurso traçado na serra de Monsanto e Parque Florestal. A nossa imagem foca o momento da partida dos corredores iniciados, que André de Oliveira (Cova da Piedade) venceu.



1 — Sidónio luta com Teixeira e tenta dominar a situação, mas não o consegue; 2 — Machado livra-se hábilmente de uma situação crítica

BELENENSES MELHORA NO ATAQUE

Fotos MANIQUE



Teixeira, jogador esforçado e ainda uma utilidade para o clube e Nunes alião um avanço

Encerrou-se a época de Natação



Com um festival promovido pela Federação de Natação na piscina de Algés e Dafundo encerrou-se no domingo a época natatória.

As provas foram esplendidamente disputadas e reuniram apreciável número de concorrentes, destacando-se em especial os infantis — belas promessas para o futuro.

Dois aspectos: Em cima, Odete Maria Nobre (E. P.); Alda Lourenço (E. P.); Regina Mendes (S. A. D.) e Maria de Lourdes Dias (E. P.) que nadaram os 66 metros livres, senhoras.

Em baixo, a largada para uma prova.

TENIS O SPORTING CONQUISTOU A TAÇA "MANUEL NUNES DOS SANTOS"



O Sporting conquistou, com a terceira vitória consecutiva, a taça «Manuel Nunes dos Santos», constituindo a equipa: Paulo Costa Santos, Henrique Lopes, Mário Meunier, Jaime Quintana, Seabra Pinto, Mesquita e Carmo, José Gonçalves e Dulce de Jesus.

OS PRÉMIOS DO «DIA POPULAR DA NATAÇÃO»



O Clube Nacional de Natação distribuiu, no decorrer de uma sessão solene, os prémios do seu «Dia Popular da Natação» — uma iniciativa valiosa para a propagação da modalidade.

É a entrega de uma das taças, pelo vice-presidente da Federação de Natação, Sr. Dias Pereira.

na capital do NORTE

TRIBUNA DOS PORTUENSES

VÁRIOS desportistas portuenses se dirigem à nossa Revista, de quando em vez, a pedir informações ou conselhos sobre assuntos desportivos. Nesta página da «Stadium» não é possível, entretanto, dar seguimento a todos os assuntos trazidos ao nosso conhecimento, como é desejo de muitos leitores. São demasiados longos.

Todavia, abrimos para os portuenses uma tribuna, a ela podendo dirigir-se os interessados — desde que não nos ocupem muito espaço. Neste caso, ficaríamos obrigados a resumir os seus escritos.

A correspondência deverá ser dirigida à nossa Redacção — Página do Porto. Cada leitor deve abordar apenas um assunto, pondo alguns ser comentários ou respondidos, conforme a sua índole.

Posto isto, apresentamos hoje a primeira de uma série de cartas dirigidas à nossa Revista. É subscrita pelo sr. Alvaro Vivas Russ, morador na Rua do Miradouro — Porto.

Diz o seguinte:

«Tenho notado que as respostas de um jornal desportivo a determinada pergunta dão Azevedo como guarda-redes n.º 1. Ora, não encontro motivo para uma afirmação destas. Barrigana está a defender com muita segurança, e não acredito que Azevedo esteja em melhor forma. Estas afirmações magoam, por não haver nada que as justifique. De resto, o último guarda-redes nacional é o do F. C. do Porto, e toda a crítica elogiou o seu trabalho contra a Irlanda. De então para cá, na opinião de todos os portuenses, Barrigana tem melhorado, ganhando segurança e verdadeira classe. Lamento, mais uma vez, que o Porto fique muito longe de Lisboa...»

Resposta — A opinião do sr. Alvaro Russ merece-nos todo o respeito. É pessoalíssima, como a do nosso camarada. Nem um nem outro se zangará, por certo, se terceira pessoa disser que o n.º 1... tem o n.º 2 na opinião do prezado leitor. Julgamos que não deve zangar-se com isso. Opiniões são opiniões, e se Barrigana é melhor do que Azevedo ou vice-versa, ninguém conseguirá evitá-lo!

Compreendi?

ELOI DA SILVA

antigo director do F. C. P. esclarece uma afirmação do Atlético

COMO já dissemos, num «ecos» simples, a direcção do F. C. do Porto estava demissionária quando o Atlético visitou pela última vez a capital do Norte. Porém, como é fácil de calcular, os antigos directores não haviam abandonado os seus postos, e por isso deveriam fazer as «honras da casa» a todos os visitantes.

Ora, segundo um comunicado do clube alcantarense, o Atlético não teria recebido essa vulgar prova de consideração por parte do F. C. do Porto e a afirmação impressionou-nos.

Quisemos, por isso, esclarecer o caso e procurámos precisamente saber que director estava de serviço nesse dia. Era Joaquim Eloi da Silva, pessoa de influência no primeiro clube nortenho e um elemento que conhece as suas obrigações e sabe ser correcto.

— É verdade que não procurou receber a caravana do Atlético com o mínimo de atenções dispensadas a um clube visitante?

Eloi da Silva não esperava certamente pelo «ataque». Disse-nos que se «a actual direcção do seu clube não respondia era certamente por não querer polémicas» — e ele não desejava pronunciar-se...

— Mas, então — quem cala consente...

— Alto lá! Isso é que não. Tenho o meu nome e não consinto que o amarfanhem.

— Nesse caso, diga-nos o que se passou, estando você «de serviço».

Eloi Silva decidiu-se. Enérgico, um tanto aborrecido, afirmou:

— Olhe, meu amigo: o Atlético sabe muito bem que isso não é verdade! Quando a sua equipa de futebol nos visitou, fez-se acompanhar pela equipa de hóquei em campo, que jogou com a nossa e recebeu as merecidas honras no terreno; e um elemento do clube, que se eu vir reconheço, esteve comigo e pediu-me até para conseguir lugar para umas senhoras acompanhantes. Fui levá-las aos camarotes — aquele corredor para onde vão as pessoas com livre-trânsito — conduzindo-as eu até através do campo. Logo, nada mais injusto ou especulativo.

— Mas, diz o comunicado que foram recebidos por um contínuo.

— No campo foram recebidos por mim! Julgo que o Atlético, ou al-

guém da sua direcção, evidentemente, se dirigiu à sede após a chegada ao Porto, sábado, cerca da meia noite. Ora, na sede, àquela hora, só «por acaso» ou devidamente avisado pode estar um director. Mas estão os empregados até ao encerramento dos serviços. Não é de estranhar o facto, e se soubéssemos que o director do Atlético ia à nossa sede — teríamos muita honra em comparecer e recebê-lo. Isto, repito, a despeito de termos já apresentado a nossa demissão irrevogável.

— E é tudo?

— Tudo meu amigo. Digo-lhe isto sob palavra de honra, com certeza desnecessária, pois conhece-me bem. A verdade, acima de tudo. Não gosto de «meias palavras», nem tolo que se façam especulações públicas.

Fica, portanto, esclarecido este caso e também o «eco» da nossa última página — único motivo desta intervenção, para evitar confusões.

Curiosidades...

A despeito de todas as observações e escritos, afirma-se que o F. C. do Porto não está disposto a abandonar o campo da Constituição. Claro: — enquanto não resolver o seu problema.

♦ Vitor Guilhar, o antigo e correcto jogador do F. C. do Porto, pensa retirar-se brevemente da actividade.

♦ Há, porém, outras opiniões nas altas esferas do seu clube. De facto, Vitor Guilhar é ainda uma boa pedra para a equipa de honra.

♦ O jogador Fandão foi modesto nas suas pretensões, ao contrário de boatos postos a correr.

♦ Embora as negociações sejam feitas por intermédio da A. F. do Porto, diz-se que será a equipa do F. C. P. quem jogará contra os suecos e chilenos, — se estes visitarem a capital do Norte. Parece-nos a melhor solução, pois se evitam complicações com os seleccionadores... E a equipa, evidentemente, não será «nunca» inferior.

A classe internacional do remo português

QUANDO as tripulações portuguesas tomaram parte nos campeonatos europeus de remo, em Lausana, há aproximadamente um ano, fomos no regresso os primeiros a afirmar que eles possuíam real classe internacional e, preparados com cuidado e tempo, poderiam marcar nas regatas olímpicas uma posição interessante.

Os factos posteriores vieram dar-nos inteira razão; em Londres, não passaram despercebidas as tripulações lusitanas e pode considerar-se aperiçado que mereciam chegar mais longe na competição. O sorteio das meias-finais, nitidamente desfavorável, não o permitiu.

No entanto, receberam os nossos representantes expressivos elogios; e como se tanto não bastasse foram-lhes dirigidos honrosos convites para voltar a Inglaterra, às famosas regatas de Henley e para visitarem a Argentina no ano próximo.

Para fecho de temporada os remadores portugueses deslocaram-se a Barcelona, em condições difíceis, e alargando de uma superioridade bastante para menosprezar todos os embaraços e contrariedades, ganharam os dois campeonatos peninsulares, no mesmo dia e com os mesmos homens.

Estes resultados reforçam o critério, que sempre temos defendido, da necessidade de patrocinar a actividade internacional do maior número de desportos, pois muita vez são os mais modestos, aqueles a quem a preferência pública nega o seu apoio, que nos trazem mais glória, mais expressivos triunfos.

O remo demonstrou, de maneira incontroversa, os seus direitos ao auxílio dos organismos nacionais superiores; por um lado, precisa que o brinde com uma pista onde possa receber condignamente todos os visitantes; pelo outro, precisa também que lhe sejam dados os meios para iniciar imediata preparação para os campeonatos europeus de 1943, que se celebrarão na Holanda.

Começamos a ganhar tradições na modalidade e as tradições acarretam responsabilidades.

Salazar Carreira

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

UM LIVRO ADMIRÁVEL

que nenhum portuense deve deixar de ler porque lhe fala das suas manifestações desportivas

340 páginas ilustradas com 200 gravuras por um preço excepcional: — 40\$00

UM das futebolistas mais populares da Inglaterra é, sem dúvida, Frank Swift, guarda-redes do Manchester City e da equipa nacional da Gran-Bretanha.

Os espectadores apreciam muito a sua maneira de jogar, as suas perigosas estradas, a forma simples e fácil como agarra a bola apenas com uma só mão esperando a entrada do adversário para passá-la depois sobre a cabeça, e apanhando-a de novo com uma ligeireza de movimentos surpreendentes.

O público observa com alegria a despreocupação com que Swift se senta no solo, apoiando-se num dos postes laterais da baliza quando a sua equipa está dominando o adversário.

Muitos espectadores há que disputam lugares atrás das suas redes, afim de aproveitar os momentos livres de Swift para conversarem com ele, pois há quem afirme — e verdade se diga, com certa propriedade! — que Frank Swift é um cavaqueador exímio, alegrando todos aqueles que se atiram de si.

Swift — o loiro inglês, soberbo na sua estatura — joga muitas vezes para a galeria e não o esconde... Pelo contrário, tem prazer em proporcionar aos adeptos do desporto porci-bons e inolvidáveis momentos.

As defesas em voo, as estradas e tantas outras coisas maravilhosas — que muitas vezes podia deixar de fazer! — proporcionaram, ultimamente, aos adeptos ingleses, grandes momentos de prazer.

Mas, atrás deste aspecto espectacular está um jogador que ama a sua profissão. A sua ousadia leva-o vastas vezes a realizar saídas que podem

A VIDA DOS DESPORTISTAS CÉLEBRES

FRANK SWIFT

o melhor guarda-redes de Inglaterra

tem 33 anos, mede cerca de 2 metros, é capitão da equipa do Manchester City, excelente cavaqueador e sempre optimista

custar uma lesão — quando tinha possibilidades de, não se arriscando, executar a defesa.

O seu clube, o Manchester City, designou-o capitão da equipa, sendo, portanto, o único guarda-redes da Inglaterra que ostenta aquele tão honroso cargo. Seus companheiros de equipa, tanto nacional como de clube, apreciam-no muito, pois, não é somente o homem que lhes dá confiança absoluta, como também, aquele que os anima nos momentos difíceis quer quando jogam quer quando no vestiário descansam.

O primeiro grande êxito popular de Swift foi obtido na final da «Taça de Inglaterra», jogada no famoso Estádio de Wembley, em Abril do ano de 1934, portanto, há 14 anos quando a sua equipa venceu o conjunto do Portsmouth, ganhando, assim, a sua primeira medalha de ouro que se atribue aos jogadores do clube vencedor da «Taça».

Desde então tem participado em numerosos desafios quer sejam internacionais quer do seu país, nos Es-

tádios do Wembley, Hampton Park, Glasgow e em todos os do Continente Europeu.

Possui todas as medalhas que se pode ganhar no futebol, em Inglaterra. Um dos seus mais apreciados troféus é uma insignificante peça de prata na qual não figura qualquer inscrição. Foi dada por um grupo de rapazes do Exército — a equipa militar — com os quais jogou na Escócia durante a guerra. Concederam-lha por ser o brincalhão do grupo, mas esqueceram-se de fazer a dedicatória...

Swift, conta 33 anos e espera poder jogar ainda cerca de dez anos. Mede, presentemente, seis pés e duas polegadas (quase 1,88 metros). Como preparação para quando abandonar o futebol está documentando-se para dedicar a sua actividade aos grandes centros fabris industriais, de Manchester e dos arredores.

Nas horas livres das suas ocupações profissionais, atende aos numerosos pedidos de autógrafos, e responde com auxílio da mulher e filha, esta de 15 anos de idade, às cartas que recebe, milhares delas por semana.

A sua principal distração é ajudar a esposa e a filha a resolver os problemas das palavras cruzadas.

O dia mais «negro» da sua vida — diz ele, apesar de tudo, com um sorriso nos lábios — foi o 3 de Abril de 1948, pois no encontro com a Escócia que se disputava naquela tarde, Swift, apesar da sua soberba actuação, magoou-se gravemente, fracturando seis costelas... Eis a personalidade e a vida do maior guarda-redes de Inglaterra!

José Botelho

«O futebol é a minha profissão»

DE TOMMY LAWTON

Continuaremos no próximo número a publicação de separata «O futebol é a minha profissão» a qual ficará completa

PATINS INGLESES

os mais populares

E ACESSÓRIOS

Ashby

PARA BICICLETAS

Representantes

F. H. D'OLIVEIRA & C. A. L. DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208

ANDEBOL SINFONIA DE ABERTURA

COMEÇOU no passado domingo a actividade do andebol lisboeta, e qual fôra precedida de oito dias pelos portugueses; o facto reveste-se este ano de particular importância porque em 1 de Dezembro recebemos a visita dos franceses e neste curto espaço de tempo é preciso preparar uma equipa nacional capaz de conseguir a desforra da derrota de Nior, que a nenhum português deixou convencido.

O seleccionador Acácio Rosa já deu início aos seus trabalhos, auxiliado no Porto por Alves Teixeira, mas a sua tarefa é particularmente ingrata por dois motivos: porque terá a necessidade de adaptar a sua equipa a uma tática nova e de qual não fazem a menor ideia os jogadores que não participaram da viagem do ano passado a França; e porque lhe é indispensável conseguiu apurada forma física dos seus seleccionados, com capacidade de resistência — em alguns — para comimentos de acção conjuntamente defensiva e ofensiva e que não estão habituados e muito pesada para os recursos de um começo de época.

Os franceses, embora nos levem vantagem em determinados pormenores de ordem técnica, estão perfeitamente ao alcance dos nossos possibilidades e o encontro do Porto pode proporcionar-nos a primeira vitória internacional.

José de Eça

2.ª Divisão

De entre os resultados do último domingo, neste Divisão, merecem especial relevo: os vitórias do Académico de Viseu sobre o União de Coimbra, da Académica contra o Alcobaca, por expressivo, do Leixões contra o Sanjoanense, do Desportivo de Beja no frente do Farense e do União de Montemor em Moura. Os empates entre o Vianense e o Famalicão, autêntica surpresa, do Futebol Benfica Montijo e Fafe-Oliveirense — são igualmente de assinalar. Eis a lista geral dos resultados:

Barcelense..	3	—	Casa Pia....	0
Cuf Barreiro..	1	—	Oriental....	2
Montijo.....	2	—	F. Benfica..	2
C. Piedade..	3	—	Luso Barreiro	2
Famalicão .	1	—	Vianense....	1
Sp. Fafe....	2	—	Oliveirense..	2
Vila Real....	3	—	Académico..	0
Leixões.....	2	—	Sanjoanense.	0
Académica .	5	—	G. Alcobaca	0
C. Breco....	4	—	«Leões»....	2
Acad. Viseu .	3	—	Un. Coimbra	1
Ferrovíarios .	3	—	Naval.....	1
Portimonense	6	—	Campomaior	1
Desp. Beja..	4	—	Sp. Farense .	1
Portalegrense	5	—	B. Esperança	2
Moura.....	2	—	U. Montemor	3

Para os nossos pobres

Do-Grupo Desportivo «Os Incógnitos» recebemos um donativo de 20\$00 para os nossos pobres, que muito agradecemos, tendo sido contemplados com 15\$00 «O Pão dos Pobres», e com 5\$00 G. de S. R., moradora em Campolide.

OS ESPANHOIS GANHARAM O 3.º PORTUGAL- -ESPANHA



SE algum mestre de xadrez, que desconhecesse os jogadores, ignorando a nacionalidade de cada um, entrasse, por volta da meia noite da quarta-feira, na vasta sala da Sociedade de Geografia onde se realizou o 1.º turno do 3.º Portugal-Espanha, de certo hesitaria em distinguir as equipas, e, até, vaticinar o resultado final do encontro!

Significa isto que os portugueses continuam a equiparar-se aos espanhóis nas primeiras três horas de jogo, sem que, na ficção das partidas se note qual dos lados leve vantagem ou qual jogou melhor dentro do princípio da teoria e da técnica.

Verdade seja que nos dois últimos tabuleiros, os nossos patenteram menores recursos no capítulo das aberturas, e que, salvo Fuentes, todos os espanhóis obtiveram sólidas posições desde o início.

Especialmente Perez, Albareda e Rico, que jogavam respectivamente contra Lupi, Encarnação e Dorez, lograram tirar o máximo partido de jogar com as brancas, tomando logo a iniciativa das operações. Alexandre Gonçalves foi dos jogadores portugueses que jogaram com as pretas o que menos se inferizou na abertura, mas é indubitável que Toran não foi tão perfeito como os outros.

A prematura proposta de empate, ao cabo de 17 lances apenas, demonstrou que o jovem espanhol se sentia pouco confiante e inseguro. Gonçalves também não se quiz aventurar em busca de uma vitória problemática e achou prudente aceitar tablas.

(Continua na página 14)



Foto HERMANN

O recurso da defesa passar ao guardaredes dá sempre resultado. Desta vez, Armando não pôde intervir...

O ESTORIL CONSEGUIU CONTRA O BOAVISTA UM BOM RESULTADO



Armando, com oportunidade, remata de cabeça o gol do Boavista



Ramos, do Boavista, procura interceptar o remate de Raul Silva, do Estoril



Fotos BENIGNO CRUZ

O guardaredes do Sporting de Braga (Marques), com o auxílio do seu defesa, livra-se de Peyroteo, já estendido por terra. Vasques observa os acontecimentos...



E Azevedo foi batido. E' o gol da vitória de Braga marcado por Mário

EM BRAGA DEU-SE A 1.ª DERROTA DO SPORTING



Uma situação arriscada para Azevedo — que dá a impressão de já não ter salvação possível neste lance... Frederico acorre mas Morcira desvia e desequilibra-o!

SEGUNDA DIVISÃO

S. C. VIANENSE



LEÕES DE SANTARÉM



GINÁSIO DE ALCOBAÇA



Estas três equipas tem disputado a prova nacional da 2.ª Divisão com interessante categoria. O S. C. Vianense, empatou no domingo com o Famalicão, no campo adversário e já obteve outros resultados valorosos; o «Leões de Santarém» ainda há uma semana ganhou ao conjunto da Académica, proeza de assinalar; e o Ginásio de Alcobça, aguerrido mesmo fora de casa, obteve recentemente um bom triunfo na Figueira da Foz, contra a Naval da Figueira da Foz. A 2.ª Divisão alarga as suas possibilidades.

Os desafios do último domingo

NO BARREIRO

BARREIRENSE, 3—CASA PIA, 0

Fotos DOMINGOS GRÃO



BARREIRENSE—CASA PIA — 1—Os avançados do Barreirense em acção, mas o guarda-redes casapiño defende; 2—O guarda-redes do Casa Pia, numa soberba estirada, conseguiu desviar a bola para fora e fazer apenas canto

ORIENTAL, 2—CUF, 1



ORIENTAL-CUF — 1—O guarda-redes do Oriental defende por alto; 2—Os atacantes da Cuf em busca do empate

EM COIMBRA

ACADÉMICA, 5—GINÁSIO DE ALCOBAÇA, 0



Fotos MARQUES DE CARVALHO



EM MATOZINHOS

LEIXÕES, 2—SANJOANENSE, 0



O III Portugal-Espanha em Xadrez

(Continuação da pág. 12)

Além de Leonel Pias — que rapidamente se desembracava do adversário, esmagando-o com a sua tática *futebolística* de avançar 5 peças em linha até à 4.ª travessa — o xadrezista lusitano que melhores perspectivas criou, na primeira vintena de lances, foi Hélder Sardinha, o único que não obteve ainda o título de Mestre da F. P. X. José Sanz que não há meia dúzia de anos ostentava o título de campeão de Espanha, não se impressionou, contudo, e pacientemente esperou a sua oportunidade. A experiência levou de vencida a habilidade do jovem campeão do «I. S. Técnico», que não soube opor travão ao contra-ataque, deixando-se influenciar

pela escassez de tempo de reflexão.

Outros jogadores que experimentaram a angústia do tempo foram Pomar e Lupi. Ambos perderam. O primeiro, quando as coisas tinham piorado — e o segundo, pelo contrário, quando a feição da partida lhe deixava mais «chances» de se libertar do bloqueio... João Mário Ribeiro — que sempre tem defrontado Arturito Pomar, as primeiras vezes por acordo prévio, mas agora por simples coincidência, — jogou no seu estilo característico que lembra vagamente Capablanca...

O dr. Encarnação foi um digno adversário do fogoso Albareda. Durante algum tempo predominou a impressão que conseguiria empatar. A partida não terminou na sessão inaugural, prosseguindo

no dia seguinte. Venceu o espanhol, no 64.º lance, após 6 horas de recheado jogo.

José Dóres começou mal, dando azo a que o espanhol debilitasse a estrutura de peças na ala da Dama, o que tornou ingrato o desenvolvimento do jogo para o português.

Marçal Rocha jogou dentro da sua toada habitual, que o xadrezista espanhol soube explorar com mestria.

O 1.º turno de «match» foi desvantajoso à equipa nacional por 5,5 2,5.

A segunda volta

No Casino de Póvoa de Varzim, onde se efectuou a final do torneio luso-espanhol, Francisco Lupi

e Arturito Pomar desforraram-se das derrotas sofridas em Lisboa, demonstrando-se que qualquer deles é adversário para o outro.

O mesmo confronto devem sofrer Gonçalves e Toran, que empatarem de novo, e Rocha e Junco, que invertem o resultado da 1.ª sessão.

Sómente Dóres não foi capaz de evitar a segunda derrota, frente ao fortíssimo jogador asturiano. Sardinha empatou com Sanz, atenuando assim, um pouco, a sua infeliz actuação no primeiro jogo.

Leonel Pias não pode repetir a vitória da 1.ª volta, perdendo frente ao madrileño Fuentes.

O resultado final do encontro foi favorável aos espanhóis por 10,5-5,5 pontos, que é o melhor con-equido pela selecção nacional, visto que no primeiro torneio perdemos por 12,5 3,5 e no segundo por 11-5.

Vasco C. Santos

(Continuação da página 4)

Registamos o facto com agrado, tanto mais que não é muito vulgar um procedimento semelhante.

A entrevista prossegue:

— Porque foi para o Belenenses?

— Três palavras chegam para satisfazer a sua curiosidade: Nasci em Bém... Foi este, de facto, a razão principal da minha ida para o Belenenses. Cresci e fiz-me homem, admirando sempre os «cazes» do passado — Artur José Pereira, Augusto Silva, César de Matos, José Simões, Rodolfo, Bernardo, Mariano Amaro e muitos outros que deram ao meu clube tardes de inolvidável glória... Não poderia, portanto, representar outra colectividade... Lá comeci e lá espero terminar a minha vida de jogador.

— Depois das suas palavras, é escusado perguntar-lhe se se sente bem no Belenenses... Não é verdade?

— Não há dúvida que todos somos amigos, e que nem uma nota discordante se regista. Eu mesmo não concebo que, uma equipa de futebol, onde é necessário haver união e lealdade absolutas, existam, entre os seus onze elementos, desentendimentos e atritos prejudiciais.

José Sérgio fala-nos, agora, dos seus companheiros de equipa, das suas virtudes e da boa amizade que os une. Chega a vez do Mariano Amaro e o guarda-redes «azul» diz-nos da sua muita amargura pelo afastamento forçado do valoroso «internacional»:

— Era um grande «capitão», um excelente camarada e, mais do que tudo, um amigo dedicado e leal, que tinha sempre para nós uma palavra de estímulo, uma expressão de encorajamento, quando, em campo, o desânimo nos atingia.

«Com o abandono de Amaro, o Belenenses e o próprio futebol, perderam um dos seus elementos mais brilhantes e dignos.

Azevedo

A conversa, dirigida pelo nosso entrevistado, foca vários assuntos e realça, finalmente, num ponto que também desejávamos conhecer: a opinião de José Sérgio

José Sérgio

sobre o valor dos outros guarda-redes.

Essa opinião surge-nos com a franqueza habitual:

— Azevedo é ainda, no meu entender, o n.º 1. Apesar de tudo quanto se possa dizer, quanto à idade e à quebra de recursos físicos, o leão do Sporting continua a manter o segredo de estrair as bolas, defendendo remates que levam o «rótulo de gol»...

«Depois dele, Barrigana e Correia são, quanto a mim, os jogadores portugueses que melhor actuam entre os postes.

— Jogou sempre a guarda-redes?

Sérgio mostra-se surpreendido com a pergunta, mas não demora a responder:

— Nunca experimentei outro lugar e suponho mesmo que não me adaptaria. De resto, a experiência ensina-nos que, raras vezes, um jogador troca o posto de guarda-redes por qualquer dos outros dez. Nós, os homens das balizas, somos muito «conservadores»...

Os elementos coligidos chegam bem para a entrevista. Sérgio, porém, vai-nos fornecendo mais alguns dados curiosos, que apontamos, porque são «sublúdios» de interesse.

Assim, soubemos que na carreira do jogador «azul» não há ainda, nem tardes de grande alegria nem momentos de desoladora amargura; que Araújo é o avançado que mais recebe; e que, embora se sinta mais à vontade ao defender bolas rasteiras, não tem grande medo, quando elas vêm por alto, ou mesmo a «meia altura»...

— O pior — diz-nos Sérgio — é quando está escritos que «elas» devem entrar...

— Quanto a profissionalismo?

— Concordo inteiramente com ele, desde que seja bem regulamentado e cumprido honestamente, por parte dos clubes e dos atletas. A situação em que actualmente vivem os jogadores não deve manter-se por muito tempo. Há necessidade de estudar uma nova modalidade, atacando o pro-

blema a fundo, sem contemplações e com os olhos postos no interesse do futebol nacional.

«Da parte dos jogadores, creio que há o mais sincero desejo de ver o assunto resolvido com brevidade, pois a questão, tantas vezes debatida, continua insolúvel. Espero, porém, que isso se resolva, antes de eu abandonar a bola»...

Concordamos com a argumen-

tação, ponderada e lógica de José Sérgio. A entrevista teria, assim, um ponto final condigno, mas o nosso interlocutor ainda acrescentou:

— O profissionalismo não exclui o amor ao clube que se representa. Podemos ganhar o dinheiro com a nossa actividade e, ao mesmo tempo, «sentir» a camisola que vestimos...

«Ao contrário do que muita gente julga, não há incompatibilidade entre as duas coisas»...

Monteiro Pegas



**PNEUS
E
CAMARAS DE AR**

MABOR

Produção da
**MANUFATURA NACIONAL
DE BORRACHA**



FUTEBOL

Internacional

Em Cardiff, a equipe nacional da Escócia visitou a seleção de Gales e derrotou-a por 3 gols a 1, resultado conseguido antes do intervalo.

Em Inglaterra

Existe um conflito original no seio do clube Newcastle United, entre os jogadores Millen e Donaldson. Millen jogava a Interior direito antes de ser seleccionado para substituir Tommy Lawton na equipa de Inglaterra. Devido ao excelente papel que soube desempenhar, contra a Irlanda, recusa-se, agora, a sinhar no antigo posto de Interior. Donaldson, o outro avançado-centro do Newcastle mantém-se Intransigente e não lhe cede o lugar.

Os dirigentes do clube estão algo inquietados com estas manobras inesperadas.

♦ Mannon, o famoso interior do Middle, continua sem sinhar com os seus companheiros de clube no campeonato da Liga. Motivo invocado: deseja transferência para o Oldham Athletic, de 3.ª Divisão, que lhe oferece um lugar de estabilidade. Outro abstencionista é Dick, do Blackpool, colega do célebre Matthews e Mortensen. Agora conseguiu passagem para o West Ham, ao cabo de 13 jogos sem pisar a relva dos campos.

Em Espanha

Na 1.ª Divisão, o Barcelona deslocou-se à Galiza e empatou com o Celta (2-2) perdendo o primeiro posto em benefício do Valencia, vencedor do Sabadell (3-0). O Espanhol recebeu Oviedo mas não se marcaram tentos e deixou-se alcançar pelo Real Madrid, que ganhou o Sevilla por 5-1. Outros resultados: Valladolid - Corunha, 1-4; Atlético de Bilbao-Terragona, 4-1; Atlético de Madrid-Alcoyano, 4-0.

A classificação geral estabeleceu-se, assim: Valencia (11 pontos), Barcelona (10 pontos), Espanhol, Real Madrid, Atlético Madrid (9 pontos); Celta (7 pontos); Valladolid, A. Bilbao, Corunha (6 pontos); Oviedo (5 pontos); Alcoyano (4 pontos) e Sabadell (2 pontos).

Na 2.ª Divisão, Melaga vai na frente com quatro pontos de avanço sobre o Hércules.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

BOXE

Em Inglaterra

No ringue de sala Albert Hall, de Londres, o pugilista francês da categoria «mínimos», Maurice Sandeyron foi declarado vencedor por pontos ao cabo de um combate em oito asseltos, contra o brilhante Dickie O'Sullivan.

Esta decisão provocou admiração do público e a crítica francesa exterioriza o seu protesto por forma veemente.

No mesmo programa o conhecido escocês Jackie Paterson, antigo campeão mundial de «mínimos», pôs fora de combate de maneira mais espectacular possível o seu rival Danny O'Sullivan, irmão do pugilista atrás citado.

Paterson durante seis asseltos foi um verdadeiro bombo numa festa. No início do 7.º asselto, quando Danny o persegue, aplicou-lhe no queixo um golpe curto e rápido, que alçou o vilão ao solo, completamente desmaiado.

CICLISMO

Os «Seis Dias» de Nova York

Está decorrendo com muito interesse do público niorquino a corrida dos «Seis Dias» que anualmente se organiza no Madison Square Garden.

Os belgas Saen e Bruneau revelaram-se o melhor par do lote de concorrentes, entre os quais figuram Clemente e Gillen (Luxemburgo), Doussel-Nizerhy (França); Loos-Hooj (Holanda); Bevilacqua-Rigoni (Itália), etc.

NOTA DA SEMANA

NO breve período de tempo que separa dois domingos consecutivos produziram-se vários acontecimentos, dignos de figurar como temas e paradigma de boa doutrina desportiva.

Parceu-nos mais adequado, mais humano, evocativo e, até, menos banal a vitória conquistada pelo veterano tenista francês, Jean Borotra, nas pistas cobertas do Queen's Clube de Londres.

A vinte anos de intervalo, o «vasco saltitante» — assim o designaram os apaixonados pelo ténis, em referência à mobilidade infatigável de Borotra — voltou a inscrever o seu nome como campeão de Inglaterra, derrotando em três partidas de seca eloquência um adversário que podia ser seu filho pela idade. Tal proeza, de rara longevidade, coloca num plano excepcional, de mérito absoluto, o mágico da raquete, pois que Borotra virou o cabo dos cinquenta outonos e ainda manifesta tanto vigor, talento e exuberância física que nos leva a acreditar na ciência da perene juventude.

Borotra, como os neclares vincícolas que refinam pelo tempo fora, rejuvenesce de ano para ano.

Foi sempre, desde jovem, um infatigável maquinismo produtor de trabalho. Aos doze anos pedalava desde Arbonne a Baiona — uma dezena de quilómetros — para frequentar todos os dias o liceu. Ia e voltava.

Orfão de pai desde os sete anos encarou a vida como um duelo de energias e estabeleceu um regime despido de turbulências. Em Setembro de 1916 contando apenas dezoito anos alistou-se no Exército francês como voluntário e bateu-se nas frentes de batalha contra os alemães.

Em 1921, depois de concluída a paz, o nosso homem conquistou o primeiro triunfo ténistico sensacional ao vencer André Gobert, campeão de França no Torneio Toussaint.

Até hoje a lista das mais importantes vitórias do vasco saltitante, distribuídas por vinte e cinco anos de prática reúne os seguintes títulos e campeonatos:

58 vezes campeão de França; 20 vezes campeão de Inglaterra; 8 vezes campeão dos Estados Unidos e 3 vezes campeão da Austrália.

A par disto, conquistou outros troféus no Torneio de Wimbledon:

2 vezes vencedor na prova individual, 3 na de pares masculinos e 1 vez em mistos.

Quando os seus admiradores em 1932, declaravam precipitadamente a sua decadência ele recuperava o antigo impulso e seis anos depois instalava-se na posição de primeiro entre os melhores.

Borotra soube conquistar a amizade e a admiração de testas coroadas como do homem da rua. A rainha Mary, de Inglaterra, e o rei Gustavo V da Suécia, nutrem por ele enorme simpatia e nunca faltam aos torneios em que participa.

Certo dia o monarca escandinavo disputava, em Cannes, um desafio de «pares», associado a Borotra e este aconselhou-o a deslocar-se para a esquerda sobre o terreno do court.

Gustavo V não obedeceu logo. Então Borotra voltou a insistir mais ou menos nos termos seguintes: «Un peu plus à gauche, Majesté!»

Aproveitando a deixa, o soberano retorquiu-lhe com uma ponta de malícia: «É isso mesmo que me aconselha o meu Primeiro Ministro, mas, como vê, sou partidário das direitas!»

Esta anedota aliás verdadeira reflecte o grau de intimidade que existe entre Borotra e a pessoa real do soberano sueco.

No dia em que o infatigável maestro dos courts anunciar que se despede da actividade entrará no arquivo das grandes figuras desportivas uma das personalidades mais nobres do nosso século.

Subordinado como um jesuíta à disciplina que impôs a si mesmo desde muito, Borotra atribui o segredo da sua longevidade atlética a uma vida regrada. Não juma, não bebe álcool, dorme mais de oito horas por dia, não prova café nem excitantes e alimenta-se frugalmente.

Eis a traços largos a biografia do jogador de ténis mais notável da actualidade, último rasto de uma geração incomparável infelizmente desaparecida.

Rafael Barradas

Companhia Colonial

de Navegação

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a Africa Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

TORNEIO DE RESERVAS DA A. F. L.



Em cima, uma fase do Benfica-Oriental que acabou empatado a uma bola. Um benfiquense num ataque vigoroso. Ao lado, um trecho do encontro disputado nas Salésias, e em que o Estoril venceu o Belenenses por 4-3. Um ataque da asa direita de Belem



O Atlético derrotou o Casa Pia por cinco-zero, mas o desafio decorreu com interesse



Os xadresistas espanhóis no Governo Civil do Porto



Um aspecto da sessão solene realizada na sede do Sporting para distribuição de prémios aos vencedores da prova «O Primeiro Passo»

EM LAMEGO

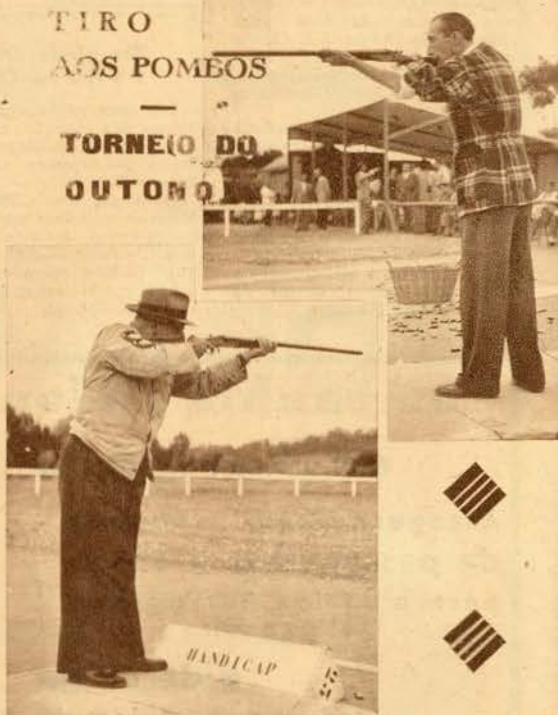
Fotos A. GUIMARÃES



O Sport Lisboa e Viseu derrotou o Sporting de Lamego por 3-2. 1 — O guardarede do Sport Lisboa e Viseu em acção! 2 — Chaves, do Sporting de Lamego, remata sem êxito

TIRO AOS POMBEOS

TORNEIO DO OUTONO



António Carvalho Monteiro e Carlos Nogueira, na prancha, prontos a disparar. Trata-se de duas magníficas espingardas